

O CINEMA NA SALA DE AULA: AVANÇOS E RETROCESSOS

Mariana Andrade da Costa¹;
Cintia Mara de Souza Palma²

Estudante do Curso de História; e-mail: mariana.andrade.costa@hotmail.com¹
Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: palma@umc.br²

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Palavras-chaves: Cinema; Educação; História

INTRODUÇÃO

Quanto mais conhecemos a história do cinema, mais nos fascinamos. Sua linguagem, há mais de cem anos oferece inúmeras possibilidades de filmes, estilos, temas e estéticas. No entanto, apesar de o cinema ter um grande potencial didático a ser explorado, este não vem sendo usado de forma analítica nas salas de aula.

Notando que a preocupação com o cinema dentro da educação brasileira já vem desde as primeiras décadas do século XX, propusemos realizar um levantamento do uso deste nas salas de aula brasileiras.

Alguns dos autores dedicados ao estudo da relação entre cinema e educação são Napolitano (2003) e Duarte (2002), sobre os quais faremos breves comentários.

Em *Como usar o cinema na sala de aula*, Napolitano (2003) debate a relação do cinema com a escola, enfatizando a linguagem e a história do cinema e prescrevendo alguns procedimentos e estratégias para o uso do cinema na sala de aula. Esse autor questiona como o cinema, mesmo tendo sido pensado como linguagem educativa, “[...] não tem sido utilizado com a frequência e o enfoque desejáveis [...]” Afirma ainda que, em grande parte das experiências relatadas, os professores “[...] se prendem ao conteúdo das histórias, às “fábulas” em si, e não discute os outros aspectos que compõem a experiência do cinema” (2003, p. 7).

Duarte (2002), em sua obra *Cinema & Educação*, afirma que todo indivíduo, ao entrar em contato com o cinema, desenvolve o que Pierre Bourdieu chamou de “competência para ver”, ou seja, analisar, compreender e admirar qualquer história transmitida em linguagem cinematográfica. Para ela, “[...] analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas” (P. 106). Ela destaca também a importância do cinema como forma de socialização dos indivíduos em instâncias culturais diferentes para a produção de saberes e identidades para definir a forma como o indivíduo vê o mundo.

OBJETIVOS

Os objetivos dessa pesquisa são:

- Contribuir com os estudos que tem como foco o uso do cinema na sala de aula;
- Fazer um levantamento do uso do cinema na educação brasileira;
- Realizar uma sondagem de projetos já realizados envolvendo cinema e educação;
- Propor um projeto de capacitação para professores, de acordo com as novas abordagens sobre o uso do cinema em sala de aula, tendo em vista a existência do Núcleo de Educação na Universidade Mogi das Cruzes, campus Lapa;

-Propor um projeto educativo que envolva o uso adequado do cinema na sala de aula, vinculado ao curso de História da Universidade de Mogi das Cruzes que possa atender escolas estaduais da região Centro-Oeste da cidade de São Paulo.

METODOLOGIA

Utilizando como referencial teórico as obras *Como usar o cinema na sala de aula* de Marcos Napolitano e *Cinema & Educação* de Rosália Duarte, realizamos uma pesquisa bibliográfica relacional de abordagem qualitativa. Inicialmente levantamos o “Estado da Arte” das publicações envolvendo o uso do Cinema na Educação, procurando rastrear o que já foi publicado no Brasil. A pesquisa foi realizada, basicamente, em teses, livros, revistas, periódicos, assim como artigos acadêmicos encontrados em sites especializados. Num segundo momento, fizemos uma sondagem dos projetos envolvendo Cinema e educação existentes. A partir dos resultados obtidos, elaboramos uma proposta de um Projeto Educativo envolvendo alunos de escolas públicas de São Paulo a ser realizado na Universidade de Mogi das Cruzes. De acordo com as prescrições dos teóricos utilizados, elaborou-se também uma proposta de Projeto de Capacitação para Professores. Os dois projetos serão realizados concomitantemente, já que o que se pretende é trazer os alunos do Ensino Médio à universidade, para que convivam no ambiente acadêmico e, ao mesmo tempo, sensibilizar e capacitar professores das escolas públicas, para o uso do cinema em sala de aula. Ambos os projetos serão vinculados ao curso de História da universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões sobre cinema e educação no Brasil vem desde as primeiras décadas do século XX. Já na década de 1910, foi criada a Filmoteca do Museu Nacional e, em 1912, foram trazidos de Rondônia os primeiros filmes educativos sobre os índios Nambiquara.

Na década de 1920, as discussões se acentuaram e em 1927 foi criada a “Comissão de Cinema Educativo” organizada por Fernando de Azevedo, que, em 1929 determinou o emprego do cinema em todas as escolas primárias, com a instalação de aparelhos de projeção.

Na década seguinte, foram publicadas três obras de referência sobre o assunto, Em 1930, *Cinema e Educação* dos professores Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho, em 1931, *Cinema contra cinema: bases geraes para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil*, do cineasta Canuto Mendes de Almeida e em 1939, Roberto Assumpção Araújo apresenta a tese *O cinema sonoro e a Educação*, ao concurso para técnico de educação. Essas obras argumentam que o cinema pode interferir na formação moral dos jovens, propondo, por tanto, que os educadores participem da campanha em prol do “cinema para o bem” contra o “cinema para o mal”. A preocupação não ficou restrita somente à teoria. Em 1933, foi criada a Biblioteca Central de Educação no Distrito Federal, com uma Divisão de Cinema Educativo para fornecer filmes às escolas públicas do Rio de Janeiro. E, em 1937, foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). Para Palma (2006 p. 7), em seus trinta anos de existência, o INCE foi a maior experiência do cinema educativo no Brasil.

Na década de 1950, a preocupação com a influência do cinema na vida das crianças e dos adolescentes continuava, sobretudo quanto à função da ampliação do alcance do cinema estadunidense como indutor do “American Way of Life”. Em 1953, a Conferência de Bispos do Brasil resolve criar o “Centro de Orientação Cinematográfica” destinado à formação de espectadores e presidido pelo padre Guido Logger, que em 1954 inicia cursos de cinema na “Ação Social Arquidiocesana”.

Nos anos 1960, houve um recrudescimento com relação à perniciosidade do cinema, ancorada na “Juventude Transviada”. Em 1965, o padre Guido Logger publica a obra *Educar para o cinema*, que reflete a preocupação da Igreja com as questões morais em torno desse cinema, propondo a proteção das crianças, adolescentes e jovens. O Estado, também estava preocupado com o avanço do cinema, sobretudo o de natureza política. Entretanto educadores discutiam o uso do cinema como instrumento de modernidade em sala de aula. Em *Cinema e educação*, de 1967, Irene Tavares de Sá apresenta o cinema como um “valioso instrumento de educação”, apontando-o como “uma escola de costumes, um instrumento de educação, uma nova técnica a serviço da informação, da ciência e até mesmo da política.” (SÁ, 1967, p.13). Sá observa a importância dos jovens valorizarem os aspectos positivos dos filmes, pois quando “um jovem *aprende* a ver e apreciar um filme espontaneamente passa a rejeitar o que é grosseiro e vulgar.” (Ibidem, p. 19)

No início dos anos 1970, nos anos de chumbo da Ditadura Militar brasileira, época da reforma educacional de cunho tecnicista, a relação entre cinema e educação realçou metodologias de trabalho que evidenciavam a importância estratégica dos recursos audiovisuais em consonância com a sociedade tecnológica e a sociedade de consumo. Assim, o cinema aparece instrumentalmente como técnica e recurso didáticos. Obras como *Recursos audiovisuais para o ensino*, de Oscar Manuel de Castro Ferreira e Plínio Dias da Silva Junior (1975) e *Meios de ensino*, de Maria José Guedes (1978), manifestam uma clara tendência instrumental tecnicista. Estes estudiosos prescrevem minuciosamente como o filme deve ser usado antes, durante e depois da projeção.

A partir de meados dos anos 1980, com a redemocratização nacional, por meio de intensas discussões pedagógicas, os educadores acreditavam que o filme não deveria ser tratado apenas como motivação para temas e problemas ou como técnica. Assim, desde essa época o cinema tem ultrapassado a função didático-pedagógica em sala de aula, sendo tratado de modo específico e despertando o interesse de pesquisadores em educação tanto como “objeto de investigação em educação”, quanto como “recurso didático”. Para Favaretto, o cinema comparece hoje “nas atividades culturais como uma das instâncias para a efetivação da ampla base cultural requerida pela educação.” (FAVARETTO, 2004 apud PALMA, 2006, p.12)

Da década de 1990 para cá, o uso do cinema em sala de aula vem sendo debatido com maior intensidade.

No começo dos anos 2000 são publicadas duas obras de referência: *Cinema & educação* em 2002, de Rosália Duarte e em 2003, *Como usar o cinema na sala de aula*, de Marcos Napolitano. Esses trabalhos nos instigaram a iniciar a presente pesquisa.

A partir desses resultados e das prescrições de Napolitano e Duarte, elaboramos uma Proposta de Projeto Educativo a ser implementado na Universidade de Mogi das Cruzes – Campus Lapa com alunos do Ensino Médio das escolas públicas da região, bem como um Projeto de Capacitação para Professores. Também realizamos uma sondagem dos Projetos educativos existentes.

CONCLUSÕES

Nosso principal objetivo foi alcançado, ao conseguimos levantar a produção bibliográfica sobre o tema. Esse levantamento nos levou a constatar que as prescrições acerca do uso do cinema na educação estiveram presentes desde o surgimento do mesmo.

A invenção do cinematógrafo, com os irmãos Lumière é de 1895. É impressionante constatar que, em menos de duas décadas, em um período onde não havia o

desenvolvimento tecnológico que temos hoje, encontramos, no Brasil, dados que apontam à importância do uso do cinema na educação, como a criação da filmoteca da Biblioteca Nacional e a criação de filmes educativos. E, ainda mais, em todas as décadas do século XX encontramos publicações que prescrevem o uso de filmes na sala de aula.

Porém, notamos que ainda há muito por fazer para que o cinema seja utilizado de forma crítica nas escolas brasileiras. Quais os motivos que levam os professores a não utilizarem o cinema nas escolas? Por que, ao utilizarem filmes, o fazem como "tapaburaco"? Nossa hipótese é de que muitos professores, ao não vivenciarem em seus cursos de graduação o uso do cinema como ferramenta pedagógica, ao não discutirem as inúmeras possibilidades que o uso de filmes podem trazer como instrumento didático, quando iniciam suas carreiras, acabam reproduzindo as aulas que vivenciaram em suas formações acadêmicas, com o velho método de "lousa e giz", em aulas expositivas, que vivenciaram em suas formações acadêmicas. Essa hipótese foi levantada a partir de questionamentos realizados em nosso estágio, bem como em nossa prática, já que atualmente atuamos como inspetora em uma escola pública estadual (SP). Assim, acreditamos que um passo fundamental para mudar esse quadro seja o uso do cinema nas universidades como instrumento auxiliar na formação prático-pedagógica de futuros educadores bem como capacitação dos já atuantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, R. **Cronologia da Cultura Cinematográfica no Brasil**. São Paulo: Fundação Cinemateca Brasileira, 1962.

DUARTE, R. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PALMA, C. M. de Souza. **Projeto Cinema em Foco**. São Paulo, Universidade Mogi das Cruzes, 2006. Digitado.

SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Ms. Cintia Mara de Souza Palma, por todo apoio, paciência e dedicação e à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UMC pela oportunidade oferecida.

Estudante

Orientadora